

Domingo, 05 de Julho de 2026

Crises de combustível na Rússia aumentam pressão sobre Putin, mas rendição segue improvável

Ataques com drones da Ucrânia desestabilizam infraestrutura energética russa e forçam Kremlin a reconhecer danos. Confira análise.

Filas intermináveis de veículos tomam conta dos postos de gasolina em Moscou. Motoristas insatisfeitos passam horas aguardando por combustível em meio a uma escassez generalizada que afeta a capital de uma das maiores potências energéticas do planeta. Muitos relatam ter circulado o dia inteiro em busca de abastecimento, um cenário inédito em uma metrópole que permaneceu relativamente blindada dos efeitos diretos do conflito ucraniano.

A situação marca um ponto de inflexão significativo. Pela primeira vez desde o início da invasão, há cinco anos, os cidadãos russos enfrentam na prática as consequências daquilo que o Kremlin denomina "operação militar especial".

A campanha ucraniana de drones atingiu proporções sem precedentes no último mês, tanto em volume quanto em alcance geográfico. Em uma única noite da semana anterior, a Rússia reportou interceptação de 660 aeronaves não tripuladas espalhadas por 12 regiões, um dos maiores ataques desde 2022.

Os alvos não são aleatórios. Refinarias de petróleo, terminais portuários, embarcações navais e complexos de manufatura militar situados em território russo profundo são selecionados estrategicamente. O objetivo é simples: estrangular a economia de guerra russa, elevando custos financeiros e políticos da continuação do conflito.

A estratégia funciona. A imprensa independente russa documenta diariamente o agravamento da crise de abastecimento. Na Crimeia, anexada em 2014, a venda de combustível foi suspensa após declaração de estado de emergência na península.

Até o Kremlin, habituado a minimizar reveses, reconheceu a gravidade. Vladimir Putin presidiu reunião de emergência no fim de semana passado e admitiu queda alarmante nas reservas nacionais de gasolina. "Os problemas para motoristas e empresas persistem", concedeu o presidente russo aos auxiliares presentes, rompendo semanas de silêncio sobre o tema.

O líder russo revelou análise de proibição total de exportações de diesel, contradizendo declarações anteriores do próprio vice-primeiro-ministro. Uma força-tarefa foi formada para lidar com questões de combustível. Putin também alertou sobre riscos ao setor agrícola e pediu redução de "ataques terroristas contra alvos civis e infraestrutura", uma reformulação discursiva notável de quem havia descartado ataques de drones como irrelevantes.

A ironia da situação é palpável. Durante anos, a Rússia destruiu sistematicamente infraestrutura energética ucraniana - usinas, subestações, centrais de aquecimento - com objetivo deliberado de debilitar a população

civil. Agora Kiev inverte a lógica, e Moscou sente na prática as consequências dessa tática.

Líderes ocidentais veem sinais de mudança. Na cúpula do G7 na França, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, foi categórica: "A maré está virando a favor da Ucrânia". Autoridades americanas e europeias afirmam que operações com drones sufocaram abastecimento russo e entregas de suprimentos militares, travando avanços de Moscou.

Um relatório do Conselho de Relações Exteriores aponta que intensificação de operações com drones permitiu à Ucrânia recuperar mais de 200 quilômetros quadrados de território em fevereiro, revertendo meses de ganhos russos.

O tom do presidente americano Donald Trump também mudou. Na cúpula do G7, afirmou que a Rússia "deveria fazer um acordo". Posteriormente, descreveu Volodímyr Zelensky como "corajoso" e que vai "muito bem" na guerra - palavras surpreendentemente positivas de um presidente que pressionava Kiev para negociar de posição fraca.

Zelensky foi explícito: com apoio adequado, a Ucrânia pode "criar rapidamente condições nas quais a Rússia será forçada a escolher a paz".

Contudo, seria equívoco supor que dificuldades econômicas atuais forçarão capitulação do Kremlin num futuro próximo. Putin construiu imagem de líder intransigente ao longo de décadas - capitulação, recuo ou concessões na Ucrânia são politicamente improváveis.

Com mais de um milhão de baixas conforme estimativas ocidentais e reivindicações sobre quatro regiões ucranianas não totalmente controladas, qualquer acordo não apresentável como vitória decisiva provocará tensões políticas internas severas.

Os "falcões" do círculo presidencial continuam insistindo que todo o Donbas pode e deve ser conquistado. Esse argumento não desaparece simplesmente porque refinarias queimam.

A escassez de combustível é real e dolorosa, mas não representa bandeira branca de rendição.